



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO - CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**A FORMAÇÃO INICIAL DO EDUCADOR INFANTIL EM CENA: A
EXCELÊNCIA DE ATUAR NA CRECHE**

AMÁLIA KELLY SOUZA RIBEIRO

**GUARABIRA– PB
2011**

AMÁLIA KELLY SOUZA RIBEIRO

**A FORMAÇÃO INICIAL DO EDUCADOR INFANTIL EM CENA: A
EXCELÊNCIA DE ATUAR NA CRECHE**

Trabalho de Conclusão de Curso, em forma de Artigo Científico, apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento com a exigência para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Orientador: Francisco José Dias da Silva

GUARABIRA– PB
2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

R484f	Ribeiro, Amália Kelly Souza
	A formação inicial do educador infantil em cena a excelência de atuar na creche / Amália Kelly Souza Ribeiro. – Guarabira: UEPB, 2011.
	26 f.
	Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) Universidade Estadual da Paraíba.
	Orientação Prof. Esp. Francisco José Dias da Silva.
	1. Educação Infantil 2. Creche 3. Formação Inicial. I. Título.
	22.ed. CDD 372.21

AMÁLIA KELLY SOUZA RIBEIRO

**A FORMAÇÃO INICIAL DO EDUCADOR INFANTIL EM CENA: A
EXCELÊNCIA DE ATUAR NA CRECHE**

Artigo submetido ao Programa de Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia,
Departamento de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, Guarabira -CH
composto pela seguinte banca examinadora:

Aprovada em:
07/12/2011

FRANCISCO JOSÉ DIAS DA SILVA

Prof^o. Esp. Francisco José Dias da Silva
(UEPB)
(Orientador)

Rosângela de Araújo Medeiros

Prof^a. Ms. Rosângela de Araújo Medeiros
Professora da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
(1^o Examinador Externo)

Héllida Alcântara Araújo

Prof^a. Héliida Alcântara Araújo
Professora da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
(2^o Examinadora Interna)

GUARABIRA– PB
2011

Ao meu esposo, Clênio Marcos de Lima Santos, pela dedicação, companheirismo e amizade, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Francisco José Dias da Silva pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

À minha mãe, Ronilda Souza Ribeiro, que teve toda a paciência de ficar com meus filhos enquanto eu estudava.

Ao meu pai, Francisco de Assis Ribeiro (*in memoriam*), embora fisicamente ausente, senti sua presença ao meu lado, dando-me força.

Aos professores do Curso de Graduação da UEPB, em especial, Aurília Coutinho Andrade, Eduardo Lopes, Verônica Pessoa, Silvania e Rosangela Medeiros, que contribuíram ao longo desses cinco anos de idas e vindas que por meio das disciplinas, debates e conversas amigas contribuíram para o desenvolvimento de minha compreensão sobre o que é ser um educador seja por amor, seja por profissão, ou seja, por atitude.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

“A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas se propõe”.

(Jean Piaget)

RESUMO

Ao longo dos anos, o caráter pedagógico, em relação ao atendimento nas creches tem se modificado no que diz respeito ao cuidar e educar. Na atualidade, sua função educativa tem sido definida tanto em teorias acerca da infância quanto na legislação da Educação brasileira. Este artigo tem a intenção de investigar a concepção dos alunos do Curso de Pedagogia do Campus III da Universidade Estadual da Paraíba, no Município de Guarabira – PB, ou seja, o objetivo de estudo deste trabalho visa à formação inicial de estudantes do Curso de Pedagogia, acerca do trabalho docente no segmento da creche. Para tanto, num primeiro momento, construímos um estudo introdutório sobre a temática, a partir de uma revisão bibliográfica, utilizando-se de autores, como: Craidy (2001), Kramer (2005) e Kulisz (2006). Num segundo instante, foi feita uma entrevista – num processo de amostragem, com os alunos do curso de Pedagogia da turma 2007.1, no turno noturno. Foi possível visualizar as primeiras impressões dos sujeitos envolvidos. Como primeiras considerações, evidenciamos que a formação inicial do educador da creche não deve ser vista isoladamente como a única garantia de um atendimento de qualidade para as crianças pequenas. Por fim, identificamos que investir na formação inicial para a Educação Infantil significa reconhecer a sua importância na formação integral do sujeito na primeira infância.

Palavras-chave: Educação Infantil. Creche. Formação inicial.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 UM POUCO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	10
2 NOVOS RUMOS PARA O TRABALHO DESENVOLVIDO NAS CRECHES.....	11
3 A FORMAÇÃO INICIAL DOS EDUCADORES DA CRECHE.....	13
4 O PERCURSO METODOLÓGICO.....	16
4.1 OS SUJEITOS DA PESQUISA.....	16
4.2 OS INSTRUMENTOS UTILIZADOS.....	16
5 ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	17
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
REFERÊNCIAS.....	23

INTRODUÇÃO

Por muito tempo, a criança foi vista como um adulto em miniatura e que deveria realizar tudo o que os mais velhos faziam, desde a forma de se comportar até adquirir o hábito de trabalhar. Hoje, vemos as crianças de maneira muito diferente. São seres ativos não para o trabalho, mas para aprender, para se manifestar, para explorar e para lidar com o mundo de forma a descobri-lo e vivenciá-lo, por meio do universo da infância. A infância hoje não é só uma fase da vida humanas, mas é um direito da criança, porque as potencialidades fundantes do sujeito iniciam-se nos seus primeiros anos de vida. Este trabalho surgiu nesse sentido, “é de extrema importância darmos conta de que as mudanças que ocorrem com as crianças, ao longo da infância, são muito importantes e que algumas delas jamais se repetirão” (CRAIDY e KAERCHER, 2001, p. 21).

Em razão disso, defendemos que a instituição educativa destinada à primeira infância, no caso abordado - *a creche*, deve ser um espaço de vivências no qual o infante possa explorar o mundo a partir de todas as suas dimensões: sentir, pegar, fazer, correr, pular, pintar, brincar, experimentar, para que possa se desenvolver em todos os seus aspectos, tendo a garantia do seu direito de ser criança.

Para tanto, torna-se essencial que este segmento seja foco de políticas públicas que permitam a efetivação de propostas pedagógicas permeadas por um atendimento de qualidade. Tais políticas deverão englobar a organização espacial, o fornecimento de materiais, a valorização dos seus profissionais e a formação destes para que os mesmos possam compreender a infância como direito, com a garantia do seu desenvolvimento integral.

Dessa maneira, este artigo tem como objeto de estudo a formação inicial, realizada pela universidade. Pretendemos investigar, se esta vem dando o suporte necessário aos estudantes de Pedagogia para atuarem na creche, pois, considera-se que através desta formação, estes discentes possam ter a dimensão da grande importância do seu papel docente para o desenvolvimento das crianças, entrelaçando a dimensão educativa aos cuidados inerentes a esta faixa etária.

Nesse contexto, é objetivo geral desta pesquisa perceber como os estudantes de Pedagogia do Campus III da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB vêm recebendo a

formação adequada desta instituição para atuarem como educador na Educação Infantil, notadamente numa creche.

1. BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Durante longos anos, a educação da criança pequena não era considerada responsabilidade da família e, muito menos, da escola, porque antes da Revolução Industrial não existiam instituições formais de educação destinadas às crianças de zero até seis anos de idade. Segundo Oliveira (2008), a educação das mesmas era realizada por mulheres próximas da família, que ficavam na incumbência de cuidar e educar a criança, sem receber pagamento por este trabalho.

A partir dos séculos XVI e XVII, conforme aponta Kramer (2005), surgiram as primeiras instituições de educação infantil junto com a escola e o novo pensamento pedagógico, os quais estavam diretamente ligados ao contexto social - a Revolução Industrial. Foi nesse período que se passou a ter novas exigências educativas para formar sujeitos que pudessem dar conta das ocupações nas fábricas.

Entretanto, as creches, conforme aponta Oliveira (*idem*), surgiram no século XVIII, creche vem do termo francês *creche*, cujo significado é semelhante à manjedoura, presépio, segundo Oliveira (*ibidem*, p. 58). Este foi o nome da primeira escola maternal, onde trabalhavam parentes das crianças, que cuidavam das crianças sem receber a remuneração e formação adequada. As creches nesse período, veio a responder uma demanda das mulheres-mães que passaram a trabalhar nas indústrias e não tinham com quem deixar seus filhos. Foi quando surgiu a necessidade de se criar um local para que as crianças ficassem o dia todo bem alimentadas e cuidadas. Posteriormente, respondendo e em consonância com as demandas sociais, o conceito de infância mudou, quando surgiram estudos sobre as crianças, descrevendo suas especificidades e a necessidade de serem protegidas e cuidadas. Inicialmente, a questão do cuidado com a higiene e a saúde era central no trabalho das creches,

no final do século XIX na Europa e na metade do século XX no Brasil, recebeu grande influência das idéias dos médicos higienistas e dos psicólogos, que traçavam o que constituíam um desenvolvimento normal e quais as condutas das

crianças e de suas famílias que deveriam ser consideradas normais ou patológicas (CRAIDY; KAERCHER 2001, p. 15).

O foco do trabalho desenvolvido nas creches era o assistencialismo, sendo este voltado essencialmente para *o cuidar*, sem considerar o aspecto educativo e formativo. Esta visão se reflete até hoje, tendo em vista que não se valorizava (nem era necessária) a formação dos profissionais da creche. Entretanto, a partir dos anos 70, a sociedade civil passou a lutar de maneira organizada em defesa de novas propostas para a creche e pré-escola que foram legitimadas pela Constituição Federal de 1988. A partir da promulgação da referida Lei, a Educação Infantil foi reconhecida como um direito, sendo dever do Estado garanti-lo, como afirma Cury (apud Oliveira, 2002, p. 11),

Esta constituição incorporou a si algo que estava presente no movimento da sociedade e que advinha do esclarecimento e da importância que já se atribuía a educação infantil. Caso isto não tivesse amadurecido entre as lideranças e educadores preocupados com a educação infantil, no âmbito dos estados membros da federação, provavelmente não seria traduzido na constituição de 88.

A Constituição foi um subsídio muito importante que assegurou aos pais e, principalmente, às crianças um direito que a sociedade já reivindicava há anos, mas, que só foi verdadeiramente reconhecida depois de tal ato por parte do governo.

2 NOVOS RUMOS PARA O TRABALHO DESENVOLVIDO NAS CRECHES

Conforme apontado, novas demandas estão postas para o trabalho desenvolvido nas creches. Demandas agora educacionais, ligadas às mudanças sociais, apontam novos paradigmas e sugerem novas possibilidades educativas que vão além do cuidado e da assistência. Exigem que o trabalho na creche seja organizado à luz de novos recursos, que auxiliem a nova demanda de crianças as mesmas devem atender, os quais auxiliem a criança em suas descobertas e na própria construção do conhecimento, respeitando as características individuais e o ritmo de aprendizagem de cada uma.

Quanto a isso, as Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil (1988), uma referência de orientação para o trabalho com crianças pequenas, vem elucidar sobre as necessárias adequações das práticas pedagógicas que precisam considerar às necessidades e especificidades da criança neste nível de ensino, quando registram que,

para modificar essa concepção de educação assistencialista significa atentar para várias questões que vão muito além dos aspectos legais. Envolve, principalmente, assumir as especificidades da educação infantil, rever concepções sobre a infância, as relações entre classes sociais, as responsabilidades da sociedade e o papel do Estado diante das crianças pequenas (BRASIL, 1998, p. 18, v.1).

O que enxergamos é que as propostas e os referenciais estão postos, legitimados em lei como direito, mas que ainda é preciso que o discurso teórico chegue até as práticas cotidianas dentro da instituição creche. É preciso empenho dos profissionais, comprometimento político-pedagógico das agências formadoras, dos governantes e dos pesquisadores que atuam na área, para que através de uma mobilização coletiva, as orientações legais e os direitos educacionais previstos possam se efetivar.

A criança, nesta perspectiva, passa a ser vista como sujeito de direitos e deveres, a qual precisa ser compreendida e estimulada, intencional e adequadamente, de acordo com a sua faixa etária. Assim, cabe à creche assumir o papel em auxiliá-la no seu desenvolvimento no que se refere às habilidades e competências, as quais necessita para se tornar capaz, autônoma e independente ao longo da vida.

Para tanto, é preciso que sejam organizadas políticas em que as creches possam desenvolver práticas educacionais organizadas e pautadas em conhecimentos científico-acadêmicos que ultrapassem propostas assistencialistas, servindo de base para a construção de uma aprendizagem significativa, numa perspectiva de educação integral. Neste sentido, Andrade reflete que a educação envolve ações ligadas ao cuidado com o corpo, o sono, a alimentação, o crescimento, a saúde juntamente ao “desenvolvimento físico, cognitivo, social e afetivo, ou seja, em uma proposta de desenvolvimento integral das necessidades da criança” (2009, p. 11).

Em termos práticos, de acordo com esta visão, defende-se que uma das funções da creche seria planejar um processo de ensino-aprendizagem baseado em situações de interação social, na troca de experiências e atividades que promovam a socialização. É possível explorar conteúdos e conceitos referentes a ciências naturais, exatas e artísticas,

mas sempre orientadas por uma proposta lúdica adaptada a faixa etária e suas especificidades. Diante disso, ressaltamos a importância da brincadeira como um dos caminhos metodológicos no desenvolvimento da função de educar. Segundo os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (1998),

brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo, poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação (BRASIL, 1998, p. 22, v. 2).

Na verdade, a atividade lúdica é a linguagem universal da infância. As vivências das crianças na creche, baseada em uma proposta lúdica, pode ser um potencializador da aprendizagem. Mais do que isso, o brincar é atividade essencial para o desenvolvimento infantil. É o que apontam autores diversos, como Kishimoto (2005), Maluf (2003), Dias (2005) e Bomtempo (2005). É na brincadeira que as crianças encontram sentido para o mundo ao seu redor (e as relações que se estabelecem nele). É brincando que a criança se desenvolve e exercita suas potencialidades, se insere nas relações sociais e aprende.

É sabido que concretizar a dimensão educativa da creche em toda a sua grandiosidade, que esta representa, perpassa a formação dos profissionais que ali atuam. Aqui, enfatizamos a formação inicial, aquela realizada nos cursos técnicos ou de graduação, formativos para os educadores da rede infantil que deve ser baseada em vivências para uma melhor absorção da realidade a qual o educador vai se defrontar.

3 A FORMAÇÃO INICIAL DOS EDUCADORES DA CRECHE

Pensamos que formação, tal como defende Macedo, significa oportunizar “um conjunto de condições e mediações para que certas aprendizagens socialmente legitimadas se realizem” (2010, p. 21), configurando assim uma experiência ampliada do ser humano para que aprenda “interativamente, de forma significativa, imerso numa cultura, numa sociedade, através de suas diversas e intencionadas mediações” (idem).

Quanto ao conceito de formação inicial, pensando no campo da Educação, compartilhamos a definição posta por Libaneo. Segundo este autor, seria “o ensino de conhecimentos teóricos e práticos destinados à formação profissional, completados por estágios” (2004, p. 227).

Defendemos então que a formação inicial do educador, inclusive para atuar nas creches, deve estar intimamente ligada às experiências de um estágio supervisionado que permita vivenciar o cotidiano e a realidade das creches, com as potencialidades e necessidades das crianças pequenas e possa, também, se defrontar com a realidade e com situações-problema, que reflitam caminhos para atuar nela. O estágio não é prática, conforme defende Selma Garrido Pimenta (2004), mas deve ser uma aproximação que possibilite estabelecer pontes entre a Universidade e as creches.

Contudo, como reflexo das concepções em torno da creche que a caracterizaram como uma instituição assistencialista, mesmo depois das mudanças promulgadas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996, muitos profissionais, na atualidade, ainda trabalham nas creches sem a formação inicial adequada para atuar pedagogicamente com crianças pequenas. Muitas redes municipais ainda estão se adequando a referida legislação e somente a partir de 2011 que serão realizados processos seletivos que habilitem profissionais devidamente qualificados para exercerem a função adequada na creche. Isto significa que a nomenclatura para definir tais profissionais ainda é variada, como pajens, monitoras ou cuidadoras (para aquelas que não têm formação pedagógica) e professoras ou educadoras. Quanto a isto, faz-se necessário pensarmos em programas de formação continuada, para preencher as lacunas do recente estado da creche como lugar de assistência (e não de educação). Já que a formação inicial ainda não é realidade nestas creches.

Neste sentido, faz-se importante pensar sobre a formação inicial e a possibilidade de se rever, na universidade, o sentido que é dado ao que significa ser um docente de ensino infantil, no sentido de se observar a qualidade, as habilidades e competência para o desenvolvimento integral dos seus futuros professores. Isto se justifica pelo fato de vários educadores recém-formados ingressarem na Educação Infantil com pouca ou nenhuma qualidade formativa. Então, como a formação inicial desses educadores pode lhes preparar para desenvolver um trabalho educativo nas creches? Como qualificar os educadores para que propiciem vivências de qualidade para as crianças?

Na verdade, quando o profissional é habilitado com qualidade na sua formação inicial, tende a realizar suas tarefas com competência, na busca de propiciar aos educandos que estão na creche uma aprendizagem significativa e um desenvolvimento integral. Assim, a formação do educador da creche deve ser recheada de intervenções guiadas e discutidas coletivamente, fazendo uma interligação entre a teoria e a realidade, entre as diferentes teorias que são estudadas no curso de formação inicial, a fim de que, ao começarem a trabalhar, possam organizar um processo de ensino-aprendizagem mediado pela experimentação, pela atividade lúdica, pelo entrelaçamento das ações de cuidado e pelas atividades definidas como educativas. Tudo isso deve ser observado de forma planejada e construída com o grupo de educadores. Além disso, o professor deve estruturar seu trabalho atentando-se às habilidades e potencialidades infantis.

Para garantir uma educação infantil de qualidade com uma ação pedagógica adequada é crucial que o educador tenha uma boa formação inicial capaz de organizar seu trabalho, como aponta Kulisz (2006),

organização do espaço e materiais; equilíbrio entre atividades livres e dirigidas, garantidas no planejamento; atenção privilegiada aos aspectos emocionais; utilização de uma linguagem enriquecida e adequada; diferenciação de atividades para abordar todas as dimensões do desenvolvimento e todas as capacidades; [...] trabalho com os pais e as mães e com o meio ambiente [...].

Acrescentamos ainda o trabalho com diferentes projetos temáticos, envolvendo também momentos do banho, da alimentação e de outros cuidados básicos. Tais projetos podem explorar diferentes conceitos, habilidades e atitudes, tendo em vista explorar, os diferentes aspectos das potencialidades da criança.

Cabe enfatizar que esses pontos não são receitas. São ideias que podem ser discutidas, reconstruídas e trabalhadas coletivamente na creche, de forma a pensarmos que o trabalho nas creches possa ser reconhecido como um atendimento de qualidade, na garantia do direito das crianças a viverem a infância, de modo a tornarem-se adultos justos, solidários e que buscam novos amanhã.

4 O PERCURSO METODOLÓGICO

4.1 OS SUJEITOS DA PESQUISA

A referida pesquisa foi feita com os alunos da turma 2007.1 do Curso de Pedagogia da UEPB, do turno noite durante a disciplina do estágio obrigatório I, que foi realizado nas creches do município de Guarabira-PB. Discutiui-se o cotidiano de uma creche, onde se pôde vivenciar *in loco* a importância do trabalho lá desenvolvido.

Entendendo que as respostas poderiam conter aspectos emocionais e afetivos, tornou-se necessário deixar os entrevistados desprovidos de qualquer direcionamento para expressarem suas compreensões, sem haver tendências, por parte do pesquisador, de modo que este viesse a induzir as opiniões dos entrevistados.

4.2 OS INSTRUMENTOS UTILIZADOS

A ferramenta metodológica escolhida para a coleta dos dados foi à entrevista. A escolha deste instrumento decorreu da necessidade de se coletar uma fala espontânea que pudesse ser significativa para os objetivos que a pesquisa se propôs, fidelizando as falas dos envolvidos, fornecendo a pesquisa uma maior credibilidade quanto aos resultados coletados.

Portanto, para aferir o que os futuros educadores, atualmente estudantes do curso de Pedagogia da UEPB, pensam a respeito sobre sua preparação para atuar na creche, foram feitas as seguintes perguntas:

- *Com o conhecimento adquirido no curso de Pedagogia você se sente preparado (a) para atuar/trabalhar na creche?*
- *O estágio prepara para atuar/trabalhar na creche?*
- *Você trabalharia/atuaría numa creche. Sim ou não?*

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A intenção foi descobrir o que pensam os estudantes da turma de Pedagogia; como eles se percebem com a preparação proposta pela universidade, se têm os subsídios necessários à uma boa aprendizagem e, conseqüentemente, à uma boa formação.

Pensou-se em identificar se os estágios propostos pela universidade aproximavam os estudantes da realidade que eles iriam enfrentar ao sair da academia. Queria-se saber se estes alunos tinham os subsídios necessários para enfrentar a realidade da sala de aula.

Nesta última pergunta se objetivou identificar a qualidade da formação em nível superior numa instituição reconhecida. Se os futuros professores trabalhariam numa creche como monitores/professores, uma vez que a legislação ainda não determina que os profissionais que trabalham nessas instituições tenham formação em nível superior.

5.1 Ao serem perguntados sobre o conhecimento adquirido no curso de Pedagogia você se sente preparado(a) para atuar/trabalhar na creche?

De acordo com o gráfico 01, percebe-se que a *maioria dos entrevistados afirma não se sentirem preparados para atuar neste segmento de ensino*. Cerca de 93% não se julgam preparados para atuar/trabalhar na creche e uma pequena parte, cerca de 7%, consideram que se sentem preparados para atuar nessa instituição.

Gráfico 01 – Percentual da pergunta: Com o conhecimento adquirido no curso de Pedagogia você se sente preparado(a) para atuar / trabalhar na creche?



Trata-se de um quadro que mostra, nitidamente, que a maior parte dos entrevistados (93%) não acha que o conhecimento adquirido na Universidade lhes dá aparato necessário para atuarem na creche ou em qualquer instituição de ensino, como se vê no depoimento a seguir:

Vê-se que a academia, às vezes, induz os estudantes de Pedagogia por limitar-se apenas aos estudos teóricos e não aplicá-los a prática e por ser esta uma área que lida primordialmente com seres humanos em formação. Compreende-se que “essa fala dos educadores configura-se como um percurso eminentemente prático, no qual o saber fazer da experiência tem definitivamente um papel maior” (Ongari e Molina, 2003 p. 94); é o que se confirma na maioria dos entrevistados.

O que se pode observar é que a Universidade precisa colocar em prática o que se estuda na teoria, pois é na práxis, teoria-prática-teoria, que se forma um verdadeiro educador reflexivo. Quando há por parte da academia um tempo reservado aos estágios e quando há das instituições de ensino um acolhimento para os educadores em formação, abre-se para estes um espaço próprio de aprendizado num local concreto, real onde se podem encontrar diferentes concepções sobre criança, estágio, papel do educador, educação infantil.

Já os outros 7% afirmaram que a academia prepara o estudante para atuar na creche, contudo, a perspectiva se declina para o não, uma vez que eles afirmaram que a prática é o melhor caminho para aprender a ser professor.

5.2 O estágio prepara para atuar/trabalhar na creche?

Com esta pergunta podemos abordar também o problema da formação inicial das (os) futuras (os) educadoras (es), através de estágio supervisionado 100% dos entrevistados (ver gráfico 02) afirmaram que o estágio supervisionado prepara sim para uma futura atuação nas instituições de ensino, uma vez que está é uma realidade concreta, onde pode-se perceber o que os esperam quando saírem da academia.

Gráfico 02: Percentual da pergunta: O estágio prepara para atuar/trabalhar na creche?



O estágio é um espaço de reafirmação dos conhecimentos construídos ao longo do curso e de confirmação da profissão que as futuras educadoras escolheram, pois ser professora/educadora não é dom como muitos afirmam ser professor/educador é uma profissão que requer estudos aprofundados para atuar com qualidade e o estágio supervisionado é uma grande possibilidade de conhecer a realidade que os espera.

O que podemos perceber é que o estágio é realmente o espaço para se poder conhecer a realidade que os espera nas instituições escolares de ensino, quer seja na educação infantil, quer seja nas séries no ensino fundamental.

Para ser professor não basta nascer para “aquilo” tem que ser acima de tudo um bom profissional, que realize pesquisas, que reflita sobre sua prática, que atue pedagogicamente, bem como, que converse com os colegas de profissão. Ser professor educador é uma missão e uma profissão como afirmam Gentili e Alencar (2007, PP. 109-110):

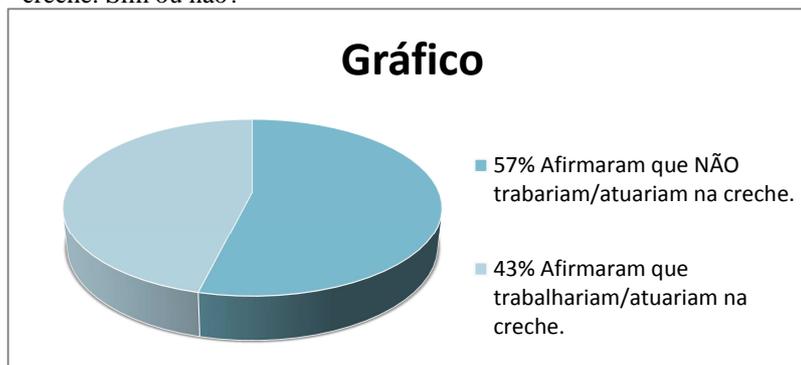
Magistério é missão e profissão. Profissão é escolha, é o ato de professar, acreditar, apostar. Ser trabalhadora do ensino exige mesmo esse espírito, essa determinação, essa fé: não é um fazer repetitivo, onde acontece “todo dia tudo sempre igual”, num cotidiano monótono. Educar é criar continuamente, é amanhecer com energias renovadas, é saber que nada se repete pela simples razão de que lidamos com gente, e “gente é outra alegria, diferente das estrelas.

5.3 Você trabalharia/atuará numa creche. Sim ou não?

Nesta pergunta os entrevistados foram questionado a respeito da atuação do futuro pedagogo na creche; ou seja, se eles trabalhariam. O gráfico 03 nos mostra que o resultado

ficou quase equiparado, mas o maior percentual, cerca de 57%, afirmou que não trabalharia/atuaria na creche e cerca de 43% afirmaram que trabalhariam nesta instituição de educação infantil.

Gráfico 03: Percentual da pergunta: Você trabalharia/atuaria numa creche. Sim ou não?



Nessa pergunta, nota-se que a maior parte dos entrevistados não trabalharia/atuaria na creche. Os fatores que contribuíram para estas respostas foram várias, mas o que nos chamou atenção é que muitos dos entrevistados não se identificam com essa etapa ensino. Evidencia-se que muitos dos futuros educadores entrevistados não se identificam com essa modalidade, expõem-se que para atuar na educação infantil, além de ser educador tem que ser um pouco de mãe, pai, tia e até irmão.

O educador da creche tem que ter sensibilidade para compreender os diversos tipos de reações e sentimentos que surgem nas crianças, tem que ter força física para poder brincar com os pequenos, tem que ter paciência, estudo e acima de tudo, tem que se identificar com o que faz. Ser educador de crianças “é oferecer-lhes espaço de reflexão e troca de experiências e suscitar-lhes autonomia e iniciativa [...]” (HOFFMAN, 2009 p. 20).

Quanto aos outros 43% dos futuros educadores, os mesmos afirmaram que trabalhariam/atuariam na creche. Nota-se mais uma vez que as respostas se concentram em identificação dos futuros profissionais com o trabalho com crianças. O professor de educação tem a ciência de que sua atuação será um pouco mais sentimental, que as de outras modalidades de ensino.

Os educadores dessa etapa de ensino, quando realmente comprometidos, transformam o ambiente de trabalho em um lugar de fascinação, de brilho, de

inventividade e de possibilidades onde o processo de aprendizado das crianças seja integral em todos os sentidos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi refletir sobre a formação inicial dos professores realizada na Universidade, para atuar nas instituições de Educação Infantil, em especial as creches. Esse tema é de relevância, pois garante qualidade na formação inicial para os futuros educadores e legitimar o direito das crianças a ter uma educação laica e de qualidade.

Com essa pesquisa conseguiu-se saber, dos futuros educadores, que a universidade em comunhão com os estágios supervisionados contribuem na formação profissional, sendo esses, fontes de conhecimentos para enfrentar a realidade escolar que está em mudança constante. Entretanto, duas questões devem ser lembradas e merecem ser destacadas.

A primeira é que a formação inicial dos educadores, por si só, não garantem a qualidade da Educação. Esta formação deve estar incluída em uma conjuntura que ofereça condições reais para que a creche exerça sua função educativa. Isso significa que seus profissionais devem ser bem remunerados, devem ter brinquedos e materiais para todas as crianças manusearem, e o espaço adequado para às crianças que ali se fazem presente cotidianamente.

Torna-se oportuno considerar que o professor é uma figura importante na vida do educando. Se pensarmos na criança pequena, então que esta questão torna-se crucial. Muitas creches têm atendimento em período integral, o que significa que as crianças passam mais tempo na instituição educativa do que com sua família e isso requer que os educadores que ali trabalham tenham conhecimentos necessários para fazer com que as crianças superem suas dificuldades e avancem no seu desenvolvimento integral, que envolve todos os aspectos práticos, conceituais e atitudinais da vida de um sujeito.

Assim, todos – governantes, universidade, creches, professores, monitores, estagiários, sociedade em geral - devem ter a devida noção desta complexidade e responsabilidade que é a educação de crianças pequenas. Tendo esta noção, pode-se compactuar com uma busca de um atendimento de qualidade para a instituição de educação infantil da primeira infância.

Ao observar o gráfico 01 percebe-se claramente que a academia ainda não prepara, da forma que deveria, os estudantes que nela ingressam para se formarem como pedagogos, pensa-se que isso se dá pelo fato de que a teoria trilhada na universidade não tem um elo, concreto, de ligação com a realidade que se encontra fora dela dificultando assim compreensão de que atitudes tomar quando se depararem com a realidade.

No gráfico 02, o que se percebe é que, a maioria dos estudantes afirma que o estágio supervisionado é a melhor oportunidade de aprender e encontrar com a realidade que se faz presente fora dos muros da universidade, o estágio na verdade é a porta de entrada para a de tomadas de atitudes inerentes do trabalho pedagógico.

No gráfico 03, observa-se que apesar dos estudantes estarem se formando num curso que tem uma formação acadêmica quase que totalmente voltada para intervenções pedagógicas, onde o estágio é a principal fonte de aquisição do aprendizado porque está em contato direto com a realidade. Os estudantes dessa graduação não se sentem a vontade para atuar/trabalhar numa instituição de educação infantil, em particular na creche, devido a não identificação – pessoal – com essa modalidade de ensino, que lida única e exclusivamente com crianças.

Há muito a ser feito. As novas demandas sociais exigem urgência na busca do atendimento à creche de forma a efetivar seu caráter educativo. Além disso, a formação inicial deve ser acompanhada de políticas de formação continuada, para efetivar as normatizações legais e profissionalizar aqueles que valorosamente estão nas creches, construindo educação, apesar das falhas na formação inicial.

REFERÊNCIAS

BOMTEMPO, Edda. A brincadeira do faz-de-conta: lugar do simbolismo, da representação, do imaginário. IN KISHIMOTO, Tizuko M. Jogo, brinquedo, brincadeira e Educação. São Paulo : Cortez, 2005.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 1996.

_____. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CRAIDY, Carmem e KAERCHER, Gládis E. (Orgs.). Educação infantil: Pra que te quero? Porto Alegre, RS : Artmed, 2001.

DIAS, Marina C. Metáfora e pensamento: considerações sobre a importância do jogo na aquisição do conhecimento e implicações para a educação pré-escolar. IN KISHIMOTO, Tizuko M. Jogo, brinquedo, brincadeira e Educação. São Paulo : Cortez, 2005.

GENTILI, Pablo e ALENCAR, Chico. Educar na esperança em tempos de desencantos. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

HOFFMANN, Jussara. Avaliação na pré-escola: Um olhar sensível e reflexivo sobre a criança. 15 ed. Porto Alegre, RS: Mediação, 2009 (Cadernos Eeducação Infantil, volume 03)

KISHIMOTO, Tizuko M. Jogo, brinquedo, brincadeira e Educação. São Paulo : Cortez, 2005.

KRAMER, Sonia (Org.). Profissionais de educação infantil: gestão e formação. São Paulo, SP: Ática, 2005.

KULISZ, Beatriz. Professores em cena: O que faz a diferença? 2 ed. Porto Alegre, RS: Mediação, 2006 (Cadernos Educação Infantil, volume 15).

LIBÂNEO, José Carlos. Organização e gestão da escola: Teoria e prática. 5 ed. Revista e ampliada. Goiânia, GO: Alternativa, 2004.

MACEDO, Roberto Sidnei. Compreender/Mediar: A formação o fundante da educação. Brasília, DF: Liber Livro, 2010.

MALUF, Angela Cristina Munhoz. Brincar: prazer e aprendizado. Rio de Janeiro : Vozes, 2003.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. Educação infantil: Fundamentos e métodos. 4 ed. São Paulo, SP: Cortez, 2008 (Coleção Docência em Formação).

ONGARI, Barbara e MOLINA, Paola. A educadora da creche: construindo duas identidades. Tradução de Fernanda L. Ortale e Ilse Paschoal Moreira. São Paulo, SP: Cortez, 2003.

PIMENTA, Selma Garrido. Estágio e Docência. São Paulo: Cortez, 2004.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. A pesquisa e a construção do conhecimento científico: do planejamento aos textos, da escola à academia. São Paulo, SP: Rêspel, 2008.

ABSTRACT

Over the years, the pedagogical nature, regarding attendance at day care has changed with regard to care for and educate. Currently, its educational function has been defined both in theories of childhood and education in the Brazilian legislation. This article intends to investigate the design students of Pedagogy of the Campus III State University of Paraíba, in the Municipality of Guarabira - PB, ie, the objective of the present study aims at training students for the School of Education , about the teaching segment of the nursery. To do so, at first, we construct an introductory study on the subject, from a literature review, using the authors as: Craidy (2001), Kramer (2005) and Kulisz (2006). In a second moment, an interview was made - a process of sampling, with the students of Pedagogy class 2007.1, on the night shift. It was possible to see the first impressions of the subjects involved. As the first considerations, we found that the initial training of the teacher of the nursery should not be viewed in isolation as the only guarantee of quality care for young children. Finally, we found that investing in training for the Early Learning means to recognize the importance of the subject in full training in early childhood.

KEYWORDS: Foucault. School education. Power. Surveillance.